

FACULDADE PERNAMBUCANA DE SAÚDE

**AVALIAÇÃO DOS IMPACTOS DA QUARENTENA NA SAÚDE
MENTAL E NO USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR ESTUDANTES
DE MEDICINA**

**EVALUATION OF QUARANTINE IMPACTS ON MENTAL
HEALTH AND ANTIDEPRESSANT USE BY MEDICAL STUDENTS**

Márcio Martins de Melo Alves ¹, Carlos Francisco de Sousa Lima ¹, Frederico Marcos
de Araújo Figueiredo ¹, Raphaella Amanda Maria Leite Fernandes ²

RECIFE-PE

2021

¹ Estudantes de graduação no curso de medicina na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS-IMIP), Avenida Mascarenhas de Moraes, 4861 – Imbiribeira, Recife-PE, 51150-000.

² Médica anestesista, Avenida Asa Branca, 757A, Bairro Luiz Gonzaga, Recife-PE - Brasil, 55015040.

Reconhecimento de apoio ao estudo: Faculdade Pernambucana de Saúde e Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira através do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIC/FPS).

Conflito de interesse: Este estudo não possui nenhum conflito de interesse.

Autor: Márcio Martins de Melo Alves

Estudante de graduação do 9º período do curso de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS – IMIP). Telefone:(81)98565-2814 E-mail: marciomeloalves7@gmail.com. Endereço: Rua estrela, 100, apto 202, CEP 52060165, Casa Amarela, Recife

Orientador: Raphaella Amanda Maria Leite Fernandes

Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Especialista em Anestesiologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Mestre em Educação em Saúde com foco em Metodologias ativas, Currículo e Avaliação no Processo Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior. Doutora em Medicina Integral. Telefone: (81)99638-1327 E-mail: rafa.amanda120@gmail.com.

Endereço: Av. Asa Branca, 757A, Bairro Luiz Gonzaga, Caruaru-PE. CEP: 55015040

Coautor: Carlos Francisco de Sousa Lima

Estudante de graduação do 9º período do curso de Medicina na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS-IMIP). Telefone: (81) 99767-9119 E-mail: carloslimafs@gmail.com.

Endereço: Rua sá e souza, 764, apt 203. Boa Viagem, Recife-PE. CEP: 51030065

Coautor: Frederico Marcos de Araújo Figueiredo

Estudante de graduação do 9º período do curso de Medicina na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS -IMIP).

Telefone: (81)98952-1042 E-mail: frederico682@gmail.com

Endereço: BR-408, Condomínio Alphaville Francisco Brennand, Sem Número, Curado IV, Jaboatão dos Guararapes (PE)

RESUMO

Objetivo: Avaliar o impacto da quarentena na saúde mental e no uso de antidepressivos por estudantes de medicina **Método:** Estudo observacional de corte transversal, durante o período entre março a agosto de 2021, através do preenchimento de formulários online por estudantes de medicina de Pernambuco. A análise estatística foi realizada pelo software Epi-info 7.2.4.0 (CDC, EUA, Atlanta, DC). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética. **Resultados:** Foram avaliados 243 formulários, com relação aos sintomas da depressão; a sensação de desgosto próprio, fracasso na vida e desilusão ou de fardo para a sociedade, houve uma considerável taxa de 65,0% dos estudantes que afirmaram ter tido esta sensação. Somando-se a isso, 42,39% relataram sentir perda de interesse na realização de atividades básicas da vida pelo menos uma vez por semana. Além disso, 51,85% referem que ficam com humor deprimido pelo menos uma vez por semana. No tocante às ideias suicidas, 32,10% afirmaram ter. Atrelado à pandemia da COVID-19 e ao período de isolamento, 98,77% dos estudantes de Medicina de Pernambuco afirmaram que o isolamento causado pela pandemia da COVID-19 influencia negativamente na saúde mental. Quanto ao início de uso das medicações antidepressivas/ansiolíticas, 20,17% relataram ter iniciado antes da pandemia do Sars-Cov-2 e 15,63% iniciaram durante/depois. Enquanto 2,47% apresentou aumento da dose durante a quarentena em relação a antes do novo coronavírus. **Conclusão:** Concluiu-se altos índices de acompanhamento psicológico/psiquiátrico entre os acadêmicos, além de uma prevalência dos participantes relatando a necessidade de acompanhamento profissional na área da saúde mental. O trabalho também possui números altos, quando comparados aos demais estudos no Brasil, de participantes que utilizam antidepressivos/ansiolíticos e um aumento no consumo de drogas antidepressivas/ansiolíticas no período

da COVID-19 .Mais estudos são necessários para melhor compreensão do impacto da quarentena na saúde mental e no uso de antidepressivos por estudantes de medicina a fim de incrementar o suporte para esses estudantes.

Palavras-chave: Antidepressivos, depressão, ansiedade, Covid-19, estudantes de medicina.

ABSTRACT

Objective: to evaluate the impact of quarantine on mental health and on the use of antidepressants by medical students **Method:** observational cross-sectional study, from March to August 2021, through online forms filling out by medical students of Pernambuco. The Statistical analysis was performed using Epi-info 7.2.4.0 software (CDC, USA, Atlanta, DC). The project was approved by the Ethics Committee.

Results: 243 forms were analyzed regarding symptoms of depression; the feeling of self-disgust, failure in life and disillusionment or burden on society, there was a considerable rate of 65.0% of students who said they had this feeling. In addition, 42.39% reported feeling a loss of interest in performing basic life activities at least once a week. In addition, 51.85% report that they are in a depressed mood at least once a week. With regard to suicidal ideation, 32.10% said they had. Linked to the COVID-19 pandemic and the period of isolation, 98.77% of the medical students in Pernambuco stated that the isolation caused by the COVID-19 pandemic negatively influences mental health. Regarding the beginning of the use of antidepressant/anxiolytic medications, 20.17% reported having started before the Sars-Cov-2 pandemic and 15.63% started during/after. While 2.47% showed dose increase during quarantine compared to before the new coronavirus. **Conclusion:** It was concluded that high rates of psychological/psychiatric follow-up among academics, in addition to a prevalence of participants reporting the need for professional follow-up in the area of mental health. The work also has high numbers, when compared to other studies in Brazil, of participants using antidepressants/anxiolytics and an increase in the consumption of antidepressant/anxiolytic drugs during the COVID-19 period. More studies are needed to better understand the impact of quarantine on mental health and on the use of

antidepressants by medical students in order to increase support for these students.

Keywords: Antidepressants, depression, anxiety, Covid-19, medical students.

INTRODUÇÃO

A depressão é um transtorno de humor crônico que caracteriza-se por sentimentos de tristeza, culpa, pessimismo, perda de apetite, dificuldade de concentração, diminuição da libido e aumento da irritabilidade que ocasiona forte impacto na qualidade de vida do paciente e de seus familiares ^{1,2}.

No Brasil, algumas pesquisas têm relatado os sintomas depressivos em estudantes universitários com destaque para os estudantes da área de saúde, os quais convivem precocemente com a dor humana durante a sua formação, o que pode resultar em maior probabilidade de desenvolver quadros depressivos ^{1,3}.

É notório que nas últimas décadas houve um progressivo aumento dos transtornos de ansiedade, bem como dos transtornos depressivos, ambos intimamente relacionados ⁴. Tais doenças, por sua vez, além de serem considerados desafios vultosos para a saúde pública mundial, correspondem também, às doenças mentais de alta prevalência em estudantes de saúde, mais especificamente, nos de medicina ^{3,5,6}. Sendo assim, a procura por drogas antidepressivas pelos discentes, para alívio da tensão, se torna, cada vez mais, evidente ¹. A automedicação é uma prática ligada ao consumo de fármacos, sem prescrição ou orientação médica e configura-se como uma prática que atravessa diversos períodos históricos, apresentando-se como um recurso leigo para o autocuidado ⁷.

São diversos os fatores estressantes associados à depressão nos estudantes de saúde, como, relacionamentos insatisfatórios, má qualidade de sono, inatividade física, pressão para o sucesso, competição interna, pressão, extensa carga horária,

preocupações constantes com o futuro profissional, além do pouco tempo destinado às atividades de lazer e em família ^{8,9,10}.

Destaca-se que dois tipos de abordagens terapêuticas têm sido empregadas para tratar pessoas com transtornos depressivos, incluindo os jovens da área de saúde: a psicoterapia e a terapia medicamentosa com antidepressivos ¹. Assim como nos transtornos mentais em geral, a terapia medicamentosa vem aumentando sua prevalência; entre as drogas conhecidas, o ansiolítico mais utilizado é o diazepam ¹¹, já entre os antidepressivos, a fluoxetina é a que mais se destaca entre os estudantes ^{1, 12}.

Atualmente, o impacto social que chama atenção é representado pela quarentena em detrimento da pandemia do novo coronavírus ¹³. Nesse contexto, alguns estressores propiciados pelo isolamento colaboram com a depressão e o consequente consumo de fármacos relacionados, como, a duração da quarentena. Alguns estudos mostraram que durações mais longas de quarentena foram associadas especificamente a pior saúde mental e raiva; a frustração e tédio. Esses sentimentos negativos são exacerbados por não poder participar do dia a dia habitual, restringindo-se a atividades essenciais e comunicação por via remota. Por fim, pessoas que precisam de cuidados médicos regulares e prescrições devidamente renovadas, assim como os pacientes em uso de antidepressivos, não conseguem essa assistência substancial; fato que também torna-se um problema ¹³.

São notórias as evidências que relacionam os estudantes de saúde como suscetíveis às enfermidades psiquiátricas e ao uso de antidepressivos ^{3,10}, assim como a relação dessas patologias com os gatilhos sociais pela quarentena ¹⁴. Contudo, há escassez de evidências científicas enfatizando o uso de medicamentos para a saúde mental, especificamente dos antidepressivos, em estudantes de saúde durante a

quarentena. Dessa forma, é de suma relevância o estudo dos impactos que a quarentena, como estressor social, possui sobre o uso de medicações antidepressivas nesses alunos.

MÉTODOS

Este é um estudo observacional de corte transversal, o qual foi realizado através do preenchimento de formulários online. Foram analisados 243 formulários durante o período entre março a agosto de 2021.

O critério de inclusão para o grupo de estudo foi ser estudantes de Medicina de instituição de ensino superior (IES) de Pernambuco. Foram excluídos todos os estudantes com idade inferior à 18 anos.

A partir dos formulários, foram coletadas informações sobre: ano de graduação, nível de conhecimento sobre saúde mental, presença e características dos sintomas depressivos, relação dos sintomas depressivos com a pandemia da COVID-19, acompanhamento psicológico/psiquiátrico, uso de antidepressivos e automedicação e influência da pandemia na saúde mental.

A análise estatística foi realizada pelo software Epi-info 7.2.4.0 (CDC, EUA, Atlanta, DC). As variáveis numéricas foram expressas em média e desvio padrão e as categóricas em número absoluto e distribuição de frequência. Realizou-se análise para testar a associação das variáveis dependentes e independentes na população estudada, pelo teste de chi-quadrado, sendo calculada a força dessa associação pela razão de prevalência e seu intervalo de confiança a 95% (IC95%).

Em seguida foi feita a análise de regressão logística multivariada, com o modelo inicial sendo composto pelas variáveis explanatórias que apresentaram valor $p < 0,20$ na análise univariada, calculando-se o Odds Ratio (OR) inicial e seu IC95%. Para o modelo final, permaneceram as variáveis com nível de significância menor que 0,05, sendo calculado o OR ajustado e seu IC95%.

O presente estudo atendeu aos postulados da resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do IMIP sob o número CAAE 40651220.6.0000.5569.

RESULTADOS

Foram incluídas, no presente estudo, respostas de 243 estudantes de medicina do estado de Pernambuco ao questionário online no período de Março de 2021 até Agosto de 2021. Desses alunos, 65 pertencem ao ciclo básico, 146 ao ciclo clínico e 32 ao internato.

Quanto ao acesso de conteúdos sobre saúde mental a tabela 1 (anexo 1) mostra que 80,25% dos discentes afirmaram que já estudaram sobre o assunto na graduação. No entanto, apenas 35,39% referem ter uma alta frequência de acesso aos conteúdos de saúde mental. E em contrapartida, 62,14% relatam se sentir preparados para comentar acerca de temas voltados para esta área. Além de que 69,96% dos estudantes se consideram capazes de ajudar um colega de classe ou alguém próximo com problemas relacionados à sua saúde mental.

Em relação aos sintomas relacionados ao Transtorno Depressivo Maior, foram feitas diversas perguntas. Em relação à sensação de desgosto próprio, fracasso na vida e desilusão ou de fardo para a sociedade, houve uma considerável taxa de 65,0% dos estudantes que afirmaram ter tido esta sensação. Somando-se a isso, 42,39% relataram sentir perda de interesse na realização de atividades básicas da vida pelo menos uma vez por semana. Além disso, 51,85% referem que ficam com humor deprimido pelo menos uma vez por semana. No tocante às ideias suicidas, 32,10% afirmaram ter.

A pandemia da COVID-19 e o período de quarentena foram associados à piora da saúde mental. Atrelado a isso, 98,77% dos estudantes de Medicina de Pernambuco afirmaram que o isolamento causado pela pandemia da COVID-19 influencia negativamente na saúde mental.

Quanto aos sintomas depressivos associados a pandemia causada pelo Sars-Cov-2 e o período de quarentena, constatou-se que 20,99% afirmaram que o início do humor deprimido começou antes da pandemia, e 23,46% referem que começou durante/depois, enquanto apenas 10,70% nunca tiveram este sintoma. O restante (44,86%) dos estudantes relataram que já tinham humor deprimido antes da pandemia, porém houve uma piora durante a mesma. Já em relação aos sentimentos de perda de interesse, constatou-se que 16,46% afirmaram que seu início se deu antes da pandemia, e 29,63% referem que começou durante/depois, enquanto apenas 20,99% nunca tiveram este sintoma. O restante (32,92%) dos estudantes relataram que já tinham perda de interesse antes da pandemia, porém houve uma piora durante a mesma.

Os resultados referentes ao acompanhamento psicológico/psiquiátrico revelaram que 70,78% dos participantes já tiveram alguma assistência psicológica ou psiquiátrica. Atualmente, 63,79% possuem esse acompanhamento de forma regular. Apesar de um dado maior (76,95%) referir que sente necessidade de ter essa assistência. Acrescentado a isso, 74,49% relataram que sentiram uma necessidade maior de ter consulta com psicólogo/psiquiatra após o início da pandemia do novo coronavírus.

Em relação ao uso de medicações antidepressivas/ansiolíticas: 37,45% dos estudantes de Medicina afirmaram já ter usado. Porém, quando associado a acessibilidade a essas drogas, 62,55% referiram dificuldade de acesso. Atrelado a isso, o uso dos antidepressivos/ansiolíticos apenas por prescrição foi relatado por 33,70% dos usuários. Além de que 7% dos estudantes afirmaram já ter alterado a dose do seu medicamento sem supervisão médica.

Quanto ao início de uso das medicações antidepressivas/ansiolíticas, 22,63% relataram ter iniciado antes da pandemia da COVID-19 e 15,63% iniciaram

durante/depois. Enquanto 2,47% apresentou aumento da dose durante a quarentena em relação a antes do novo coronavírus.

Na análise univariada dos fatores associados ao uso de medicações antidepressivas e ansiolíticas durante a pandemia da COVID-19 (anexo 2 - tabela 2), foi utilizado o teste de Chi-quadrado e o teste de Fisher. Resultados conforme a tabela a seguir.

Na análise multivariada dos fatores associados ao uso de medicações antidepressivas e ansiolíticas durante o novo coronavírus (anexo 3 - tabela 3), as variáveis estatisticamente relevantes foram: o uso de medicação prescrita pelo médico que foi relatada por 33,70% dos participantes da pesquisa ($P=0.0006$), enquanto 3,7% relataram uso sem prescrição médica, além dos 62,55% que referiram nunca ter utilizado nenhum remédio do tipo;

Com relação ao seguimento por um profissional, 70,78% ($P=0.005$) respondeu positivamente à pergunta sobre presença ou não de acompanhamento psicológico/psiquiátrico durante a vida, enquanto 71 (29,22%) dos participantes, negaram qualquer acompanhamento durante a vida.

A quantidade de participantes que ainda possuem um acompanhamento regular por um psicólogo/psiquiatra, atualmente corresponde a 155 (63,79%) ($P=0.034$); além do número de participantes que possuem a sensação subjetiva de necessidade de acompanhamento psicológico/psiquiátrico atualmente, sendo eles 76,95% ($P=0.003$) da amostra.

Sobre a presença de ideações suicidas, 78 (32,10%) ($P=0.001$) dos participantes referiram já terem vivenciado tal situação; enquanto 165 (67,90%) negaram ter qualquer ideiação durante a vida.

Entre os estudantes 151 (62,14%) ($P= 0.033$) dos participantes se consideram aptos para comentar sobre temas de saúde mental, enquanto 92 (37,86%) deles não se consideram preparados para tal.

DISCUSSÃO

O estudo evidenciou uma maioria (62,14%) dos estudantes que se sentem preparados para comentar sobre temas de saúde mental, enquanto entre uma minoria de 37,86% deles não se consideram aptos para tal. No entanto, diante da literatura, não foram encontrados dados que corroboram com os achados de alunos aptos para comentar sobre temas de saúde mental. Porém, um estudo mostrou uma diferença entre os alunos do 1º ano e alunos do sexto ano, evidenciando mais alto nível de informação sobre a doença depressão para aqueles com mais tempo de graduação¹⁵. Portanto, evidencia-se uma relação indireta e natural com a aptidão para a discussão sobre o tema.

Ao falar de depressão e ansiedade entre os estudantes de medicina, grupo reconhecidamente de risco para transtornos mentais^{5,6}, é visto que a taxa de prevalência global de depressão entre estudantes de medicina varia de acordo com a região, na China, uma metanálise que incluiu 35.160 acadêmicos de medicina, mostrou uma prevalência média de 32.74% de depressão¹⁶, em outro estudo, na Malásia a prevalência foi de 11%¹⁷, em um estudo similar, desta vez na Turquia, a prevalência foi de 27,7%. No Brasil, um estudo do Rio Grande do Norte apresenta resultado de 28% dos estudantes apresentavam sintomas depressivos: 51,3% com sinais de depressão de leve a moderada, 35,9% com sinais de depressão moderada e 12,8% com sinais de depressão severa³. Estudo similar em uma faculdade do Rio de Janeiro apresentou prevalência de depressão (8,2%) e de ansiedade (41,4%), além de depressão e ansiedade simultâneas (7,0%)¹⁸. Em comparação, este trabalho apresentou prevalência 51,85% para sintomas de humor deprimido, e 42,38% para sinais de anedonia como: perda de interesse nas atividades básicas diárias de vida durante a maior parte do dia. Além disso, 35% da amostra teve associação positiva entre a presença de humor deprimido e sinais de anedonia e 144 dos estudantes (59,25%) apresentaram ao menos um dos sintomas.

Quanto à presença de ideações suicidas, 32,10% (P=0.001) dos participantes referiram já terem vivenciado tal situação. Nesse contexto, uma metanálise envolvendo estudantes de medicina de 47 países mostrou que mais de 25% dos estudantes tinham depressão e cerca de 11% já havia tido ideação suicida. Além disso, apenas 15% dos alunos com depressão procuraram tratamento. Tais descobertas preocupam, dado que tal pesquisa demonstra que a depressão afeta todos os níveis, desde estudantes até médicos residentes. A alta prevalência de ideação suicida ressalta a necessidade de esforços preventivos eficazes e de um maior acesso aos cuidados que acomodam as necessidades dos estudantes de medicina e demandas de sua formação ¹⁹.

Na análise do estudo atual, com relação ao acompanhamento psicológico/psiquiátrico, 70,78% (P=0.005) respondeu positivamente à pergunta sobre já ter sido acompanhado durante a vida, enquanto 29,22% dos participantes negaram. Já em relação aos participantes que possuem acompanhamento psicológico/psiquiátrico regular atualmente, 63,79% relataram que têm essa assistência profissional. Esse resultado foi expressivamente maior quando comparado a pesquisa feita na França já supracitada, que levou em conta uma amostra de 10.985 estudantes de medicina, e cerca de 12% foram acompanhados por um psiquiatra ²⁰.

Apesar de ser grande a porcentagem de estudantes que são regularmente assistidos por um profissional, quando se avalia o número de participantes que sentem, de forma subjetiva, a necessidade de acompanhamento psicológico/psiquiátrico no atual momento, são obtidos números ainda mais relevantes: 76,95% da amostra. A alta prevalência se justifica pelos diversos fatores associados à pior saúde mental nos estudantes de saúde, como, relacionamentos insatisfatórios, má qualidade de sono, inatividade física, pressão para o sucesso, entre outros ^{8, 9}. Além dessa epidemiologia predisponente para transtornos mentais, vemos também uma certa relutância em

procurar ajuda, principalmente no meio acadêmico, por parte dessa classe, devido ao medo de ser taxado como incompetente em sua profissão e principalmente pelo estigma associado à saúde mental. Logo, alguns estudantes de medicina sentem que é um sinal de fraqueza procurar ajuda profissional para problemas de saúde mental ²¹.

Na amostra atual, 243 estudantes, percebe-se que 37,45% da amostra relata ter usado alguma medicação antidepressiva/ansiolítica. Quando comparados à mesma classe de discentes mundo afora, existe um estudo de 2019 que avalia estudantes de Medicina da França, o qual revela uma porcentagem de 20% para os usuários de ansiolíticos contra 17% que afirmaram utilizar antidepressivos, ambos de forma rotineira ²⁰. Em um estudo similar feito no Brasil com estudantes de uma faculdade paulista em 2014 mostra que apenas 11,4% da amostra possuía histórico ou uso atual de antidepressivos ¹. Dessa forma, nota-se que a amostra do estudo presente possui uma prevalência elevada para o consumo desses fármacos. Ainda relacionado, o uso de medicação antidepressiva prescrita pelo médico foi relatada por 33,70% dos participantes da pesquisa ($P=0.0006$) e 3,7% relataram uso sem prescrição médica, enquanto 62,55% referiram nunca ter utilizado nenhum remédio dessa classe. No entanto, não foram encontrados dados que corroboram com os achados do uso de antidepressivos com ou sem prescrição na literatura.

Consequências psiquiátricas secundárias à infecção por Sars-Cov-2 podem ser causadas por estressores psicológicos, como isolamento social, impacto psicológico de relacionamentos pessoais e doenças potencialmente fatais, preocupações sobre infectar outras pessoas e estigma ²². Um estudo transversal canadense de grande amostra, examinou a prevalência auto-relatada de estresse, ansiedade e depressão durante a pandemia da COVID-19. Foi visto que a prevalência geral auto-relatada de 6 semanas de estresse moderado ou alto, provável transtorno de ansiedade e sintomas depressivos

prováveis foram maiores do que o esperado durante a fase inicial do surto do novo coronavírus ²³. No Reino Unido, o bloqueio pela COVID-19, que começou em 23 de março de 2020 fez com que o número de prescrições de antidepressivos feitas em prática geral entre 1º de abril de 2020, e 30 de setembro de 2020, aumentassem 3,94%, quando comparado ao mesmo período correspondente no ano de 2019 ²⁴. O presente estudo mostrou que 15,63% dos participantes iniciaram o uso de antidepressivos no período da pandemia, enquanto 22,64% deles referem já ter feito uso antes do período de quarentena iniciar. Além disso, 2,47% dos que já usavam antes aumentaram a dose após o início da COVID-19. Portanto, a comparação entre as porcentagens dos estudantes que iniciaram antes com as que iniciaram durante, além do aumento da dose após começo da quarentena, revelam o importante impacto da pandemia na utilização de antidepressivos.

CONCLUSÃO

Este estudo reforçou a preocupação existente na comunidade acadêmica acerca da maior incidência de sintomas depressivos, ansiosos e de estresse em estudantes de Medicina. Evidenciou-se que a prevalência dos distúrbios ansiolíticos/ depressivos variam de forma significativa a depender da amostra estudada, mesmo em amostras diferentes no mesmo país. Apesar disso, o trabalho obteve índices maiores de ideação suicida, critério para diagnóstico de depressão grave, fator indicador de uma pior qualidade da saúde mental entre os estudantes de medicina no estado de Pernambuco, quando em comparação às demais localidades

Além disso, em Pernambuco, também foram obtidos maiores índices de acompanhamento psicológico/psiquiátrico entre os acadêmicos, além de uma prevalência de 76,95% dos participantes relatando a necessidade de acompanhamento profissional na área da saúde mental. Esses dados, reiteram a premissa supracitada de que estudar medicina no estado pode ser um fator de risco para a saúde mental.

Em relação ao uso de medicamentos, o trabalho também possui números elevados, quando comparados aos demais estudos no Brasil, de participantes que utilizam antidepressivos/ansiolíticos. Além de ter uma prevalência de 3,7% de uso das drogas sem prescrição, dado que não foi achada nenhuma comparação para análise.

A pandemia da COVID-19, assim como nas outras partes do mundo, teve interferência na saúde mental e o consumo de medicamentos antidepressivos. O atual trabalho seguiu a tendência mundial, como no Reino Unido, e entre os 93 participantes que utilizam medicação antidepressiva/ansiolítica, 38 (40,86%) desses, iniciaram no período pandêmico, totalizando um aumento de 69% quando comparado ao número de participantes que utilizavam as drogas antes da pandemia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Ribeiro AG, da Cruz LP, Marchi KC, Tirapelli CR, Miasso AI. Antidepressivos: Uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. Cienc e Saude Coletiva. 2014; Organization WH. Depression and Other common Mental Disorders. Glob Heal Estim. 2017;48(1):8–11;
2. BILIBIO, Graziela Cristina¹; NICOLAO, Giovani Reginatti¹; POMPERMAIER C. DEPRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA: UM ARTIGO DE REVISÃO. ANUÁRIO Pesqui E EXTENSÃO UNOESC XANXERÊ. 2021;
3. Costa DS da, Medeiros N de SB, Cordeiro RA, Frutuoso E de S, Lopes JM, Moreira S da NT. Sintomas de Depressão, Ansiedade e Estresse em Estudantes de Medicina e Estratégias Institucionais de Enfrentamento. Rev Bras Educ Med. 2020;44(1):1–10.
4. Vasconcelos TC de, Dias BRT, Andrade LR, Melo GF, Barbosa L, Souza E. Prevalência de Sintomas de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina TT - Prevalence of Anxiety and Depression Symptoms among Medicine Students. Rev Bras Educ Med. 2015;
5. Neponuceno H de J, Carvalho BDN de, Neves NMBC. Transtornos mentais comuns em estudantes de medicina. Rev Bioética. 2019;
6. Marchi KC, Bárbaro AM, Miasso AI, Tirapelli CR. Ansiedade e consumo de ansiolíticos entre estudantes de enfermagem de uma universidade pública. Rev Eletrônica Enferm. 2013;
7. Dantas Coelho MTÁ, Dos Santos VP, Do Carmo MBB, De Souza AC, Xavier França CP. Relação entre a autopercepção do estado de saúde e a automedicação entre estudantes universitários. Rev Psicol Divers e Saúde. 2017;

8. Ritcher D. revisão crítica da literatura Ansiedade em universitários : fatores de risco associados e intervenções – uma revisão crítica da literatura Anxiety in university students : associated risk factors and interventions – a critical literature review. 2019;(March):1– 10;
9. Leão AM, Gomes IP, Ferreira MJM, Cavalcanti LP de G. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil. Rev Bras Educ Med. 2018;
10. Oliveira KA de, Cezário CKA, Oliveira GE de, Formiga MM V, Lúcio ASSC. Prevalência do uso de drogas antidepressivas por estudantes da área da saúde no Brasil. 2021;2021:1–8.
11. Auchewski L, Andreatini R, Galduróz JCF, Boerngen De Lacerda R. Avaliação da orientação médica sobre os efeitos colaterais de benzodiazepínicos. Rev Bras Psiquiatr. 2004;
12. Scolaro LL, Bastiani D, Mella EAC. Avaliação Do Uso De Antidepressivos Por Estudantes De Uma Instituição De Ensino Superior. Arq Ciências da Saúde da UNIPAR. 2010;
13. Brooks SK, Webster RK, Smith LE, Woodland L, Wessely S, Greenberg N, et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. The Lancet. 2020;
14. Felipe T de O, Spaniol CM, Silva LA da, Calabria AC, Ferreira G, Carvalho N de L, et al. O estresse do estudante de Medicina durante a pandemia de COVID-19. Res Soc Dev. 2021;10(9).

15. Nalçakan AD, Şahin EA, Yalcinkaya OK, Ak S. Antidepressant awareness and stigmatizing attitudes toward depression and antidepressants, a comparison between first and sixth-year medical students. *Int J Soc Psychiatry*. 2021;
16. Mao Y, Zhang N, Liu J, Zhu B, He R, Wang X. A systematic review of depression and anxiety in medical students in China. *BMC Med Educ*. 2019;19(1):1–13.
17. Gan GG, Hue YL. Anxiety, depression and quality of life of medical students in Malaysia. *Med J Malaysia*. 2019;74(1):57–61.
18. Ribeiro CF, Lemos CMC, Alt NN, Marins RLT, Corbiceiro WCH, Nascimento MI do. Prevalence of and Factors Associated with Depression and Anxiety in Brazilian Medical Students. *Rev Bras Educ Med*. 2020;44(1):1–8.
19. Rotenstein LS, Ramos MA, Torre M, Bradley Segal J, Peluso MJ, Guille C, et al. Prevalence of depression, depressive symptoms, and suicidal ideation among medical students a systematic review and meta-analysis. *JAMA - J Am Med Assoc*. 2016;316(21):2214–36.
20. Fond G, Bourbon A, Lançon C, Boucekine M, Micoulaud-Franchi JA, Auquier P, et al. Psychiatric and psychological follow-up of undergraduate and postgraduate medical students: Prevalence and associated factors. Results from the national BOURBON study. *Psychiatry Res [Internet]*. 2019;272(December 2018):425–30. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.174>
21. Awad F, Awad M, Mattick K, Dieppe P. Mental health in medical students: time to act. *Clin Teach*. 2019;16(4):312–6.
22. Mazza MG, De Lorenzo R, Conte C, Poletti S, Vai B, Bollettini I, et al. Anxiety and depression in COVID-19 survivors: Role of inflammatory and clinical

predictors. *Brain Behav Immun* [Internet]. 2020;89(July):594–600. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.bbi.2020.07.037>

23. Mrklas K, Shalaby R, Hrabok M, Gusnowski A, Vuong W, Surood S, et al. Prevalence of perceived stress, anxiety, depression, and obsessive-compulsive symptoms in health care workers and other workers in Alberta during the COVID-19 pandemic: Cross-sectional survey. *JMIR Ment Heal*. 2020;7(9).
24. Armitage R. Antidepressants, primary care, and adult mental health services in England during COVID-19. *The Lancet Psychiatry* [Internet]. 2021;8(2):e3. Available from: [http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30530-7](http://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30530-7)

ANEXO I

Tabela 1 - Frequência das respostas dos estudantes de medicina

Variável	N	%
Já usou alguma medicação antidepressiva/ ansiolítica?		
Não	152	62,55%
Sim	91	37,45%
Você começou a utilizar essa medicação antes ou depois do início do período da pandemia da COVID-19?		
Nunca utilizei ansiolíticos ou antidepressivos	150	61,73%
Depois da pandemia	38	15,63%
Antes da pandemia	55	22,63%
O uso da medicação foi prescrita por um médico?		
Nunca utilizei antidepressivos e/ou ansiolíticos	151	62,10%
Sim	82	33,70%
Não	10	4,10%
Você já teve algum acompanhamento psicológico/ psiquiátrico durante sua vida?		
Sim	172	70,78%
Não	71	29,22%
Você possui acompanhamento psicológico/psiquiátrico regular atualmente?		
Não	155	63,79%
Sim	88	36,21%
Você sente que precisa de algum acompanhamento psicológico/psiquiátrico?		
Sim	187	76,95%
Não	56	23,05%
Você já teve a sensação de desgosto próprio, de fracasso na vida, de desilusão ou de fardo para a sociedade?		
Sim	158	65,00%
Não	85	35,00%
Já teve ideias suicidas?		
Não	165	67,90%
Sim	78	32,10%
Já estudou sobre saúde mental na graduação?		
Sim	195	80,25%
Não	48	19,75%
Você se sente preparado para comentar temas sobre saúde mental?		
Sim	151	62,14%

Não	92	37,86%
Com que frequência você sente a perda de interesse na realização de atividades básicas da vida diária?		
Raramente	66	27,16%
1 vez por semana	63	25,93%
Nunca	46	18,93%
Mais de 4 dias por semana	29	11,93%
1 vez por mês	28	11,52%
Todos os dias	11	4,53%
Esses sentimentos de perda de interesse se iniciaram antes ou depois do início do período da pandemia do COVID-19?		
Antes, porém pioraram após o início da pandemia e durante os períodos de quarentena	80	32,92%
Depois da Pandemia	72	29,63%
Nunca me senti assim	51	20,99%
Antes da pandemia	40	16,46%
Com qual frequência você fica com o humor deprimido na maior parte do dia?		
1 vez por semana	90	37,04%
Raramente	66	27,16%
1 vez por mês	41	16,87%
Mais de 4 dias por semana	33	13,58%
Nunca	10	4,12%
Todos os dias da semana	3	1,23%
Esses sentimentos de humor deprimido se iniciaram antes ou depois do início do período da pandemia do COVID-19		
Antes, porém pioraram após o início da pandemia e durante os períodos de quarentena	109	44,86%
Depois da Pandemia	57	23,46%
Antes da pandemia	51	20,99%
Nunca me senti assim	26	10,70%
Você sentiu uma necessidade maior de ter um acompanhamento psicológico/psiquiátrico após o início do período da pandemia do COVID - 19?		
Sim	181	74,49%
Não	39	16,05%
Não sinto a necessidade de acompanhamento psicológico/psiquiátrico	23	9,47%
Com que frequência você acessa conteúdos de saúde mental?		
Às vezes	106	43,62%
Frequentemente	65	26,75%
Raramente	46	18,93%
Sempre	21	8,64%
Nunca	5	2,06%

ANEXO II

Tabela 2 - Análise univariada dos fatores associados ao uso de medicações antidepressivas ou ansiolíticas durante a pandemia da COVID-19.

Variável	Modelo inicial		
	RP	IC95%	<i>p</i>
Ano da graduação em que se encontra?			
1° ao 4° ano	0,83	0,54-1,28	0,43*
5° ao 6° ano	1,0		
Você começou a utilizar essa medicação antes ou depois do início do período da pandemia do COVID-19?			
Antes	0,96	0,92-1,01	0,347**
Depois	1,0		
Você já teve algum acompanhamento psicológico/psiquiátrico durante sua vida?			
Sim	4,28	2,19-8,38	<0,0001*
Não	1,0		
Você sentiu uma necessidade maior de ter um acompanhamento psicológico/psiquiátrico após o início do período da pandemia do COVID - 19?			
Sim	1,88	1,15-3,08	0,005*
Não	1,0		
Você já teve a sensação de desgosto próprio, de fracasso na vida, de desilusão ou de fardo para a sociedade?			
Sim	2,18	1,40-3,40	0,0001*
Não	1,0		
Com que frequência você sente a perda de interesse na realização de atividades básicas da vida diária?			
Alta	1,81	1,31-2,52	0,0003*
Baixa	1,0		
Esses sentimentos de perda de interesse se iniciaram antes ou depois do início do período da pandemia do COVID-19?			
Antes da pandemia	1,89	1,25-2,85	0,0008*
Depois da pandemia	1,0		
Com qual frequência você fica com o humor deprimido na maior parte do dia?			
Alta	1,78	1,26-2,56	0,006*
Baixa	1,0		
Esses sentimentos de humor deprimido se iniciaram antes ou depois do início do período da pandemia do COVID-19			
Antes da pandemia	1,86	1,14-3,01	0,005*
Depois da pandemia	1,0		

* Teste Chi-quadrado

** Teste de Fisher

ANEXO III

Tabela 3 - Análise multivariada dos fatores associados ao uso de medicações antidepressivas ou ansiolíticas durante a pandemia da COVID-19.

Variável	Modelo inicial			Modelo final		
	OR	IC95%	<i>p</i>	OR	IC95%	<i>p</i>
O uso da medicação foi prescrita por um médico?						
Sim	0,01	<0,01-0,28	0,004	0,01	<0,01-0,14	0,0006
Não	1,0			1,0		
Você já teve algum acompanhamento psicológico/psiquiátrico durante sua vida?						
Sim	3,73	1,04-13,37	0,044	5,22	1,63-16,78	0,005
Não	1,0			1,0		
Você possui acompanhamento psicológico/psiquiátrico regular atualmente?						
Sim	1,60	0,63-4,09	0,323	2,25	1,06-4,79	0,034
Não	1,0			1,0		
Você sente que precisa de algum acompanhamento psicológico/ psiquiátrico?						
Sim	13,13	1,95-88,58	0,008	5,42	1,78-16,47	0,003
Não	1,0			1,0		
Já teve ideias suicidas?						
Sim	2,88	1,15-7,16	0,023	3,24	1,58-6,62	0,001
Não	1,0			1,0		
Você se sente preparado para comentar temas sobre saúde mental?						
Sim	1,55	0,61-3,94	0,356	2,15	1,06-4,34	0,033
Não	1,0			1,0		